

André Malraux

A CONDIÇÃO
HUMANA

tradução e prefácio de
Jorge de Sena

LIVROS DO BRASIL

21 de março de 1927

MEIA-NOITE E MEIA HORA

Ousaria Tchen erguer o mosquitoireiro? Agiria através dele? A angústia apertava-lhe o estômago; conhecia a sua própria firmeza, mas não conseguia nesse momento pensar nela senão com pasmo, fascinado por aquele amontoado de musselina branca que caía do teto sobre um corpo menos visível que uma sombra, e do qual apenas saía aquele pé meio inclinado pelo sono, vivo contudo — carne de homem. A única luz vinha do edifício vizinho: um grande retângulo de eletricidade pálida, cortada pelos pinázios da janela, um dos quais listrava a cama precisamente por cima do pé como para acentuar nele o volume e a vida. Quatro ou cinco buzinas chiaram ao mesmo tempo. Descoberto? Combater inimigos que se defendem, inimigos acordados, que alívio!

A vaga de ruído tombou: qualquer engarrafamento de carros (havia ainda engarrafamentos de carros, lá longe, no mundo dos homens...). Viu-se de novo em frente da grande mancha mole da musselina e do retângulo de luz, imóveis naquela noite em que o tempo não contava.

Repetia a si próprio que aquele homem tinha de morrer. Tolamente: pois sabia que o mataria. Preso ou não, executado ou não, pouco importava. Apenas existia aquele pé, aquele homem que deveria matar sem que ele se defendesse — porque, se ele se defendesse, chamaria.

Pestanejando, Tchen descobria em si, até à náusea, não o combatente que esperava, mas um sacrificador. E não apenas aos deuses que escolhera; sob o seu sacrifício à revolução erguia-se um mundo de profundidades, junto das quais esta noite esmagada de angústia não era senão claridade. «Assassinar não é apenas matar, ai...» Nos bolsos, as mãos hesitantes

seguravam, a direita uma navalha fechada, a esquerda um punhal curto. Metia-as para o fundo o mais possível, como se a noite não bastasse para esconder os seus gestos. A navalha era mais segura, mas Tchen sentia que não poderia nunca servir-se dela; o punhal desagradava-lhe menos. Largou a navalha, cujo cabo lhe penetrava nos dedos crispados; o punhal estava nu no bolso, sem bainha. Fê-lo passar para a mão direita, deixando cair de novo a esquerda sobre a lã da camisola, onde ficou colada. Elevou ligeiramente o braço direito, pasmado do silêncio que continuava a rodeá-lo, como se o seu gesto devesse desencadear a queda de alguma coisa. Mas não, não se passava nada: era sempre a sua vez de agir. Aquele pé vivia como um animal adormecido. Terminava um corpo? «Será que estou a ficar doido?» Era preciso ver aquele corpo. Vê-lo, ver aquela cabeça; para isso, entrar na luz, deixar passar sobre a cama a sua sombra atarracada. Qual seria a resistência da carne? Convulsivamente, Tchen enterrou o punhal no braço esquerdo. A dor (não conseguia aperceber-se de que era o *seu* braço), a ideia do suplício certo, se o que dormia despertasse, aliviou-o por segundos: o suplício era preferível a esta atmosfera de loucura. Aproximou-se. Era bem o homem que vira, duas horas antes, em plena luz. O pé, que quase tocava as calças de Tchen, rodou de repente como uma chave, e voltou à mesma posição na noite tranquila. Talvez o adormecido sentisse uma presença, mas não o suficiente para acordar... Tchen estremeceu: um inseto corria-lhe na pele. Não; era o sangue do braço que corria em fio. E sempre a sensação de enjoo.

Um único gesto, e o homem estaria morto. O matar não era nada; o tocar é que era impossível. E era preciso ferir com precisão. O adormecido, deitado de costas, no meio da cama à europeia, estava apenas em cuecas, mas, sob a pele gorda, as costelas não eram visíveis. Tchen tinha de tomar para referência os mamilos. Sabia como era difícil ferir de cima para baixo. Tinha pois o punhal com a lâmina no ar, mas o seio esquerdo era o mais afastado; através da rede do mosquiteiro, teria de ferir a todo o comprimento do braço, com um movimento curvo como o de um *swing*. Mudou a posição do punhal: lâmina horizontal. Tocar aquele corpo imóvel era tão difícil como bater num cadáver, talvez pelas mesmas

razões. Como convocado por esta ideia de cadáver, um estertor se ergueu. Tchen não podia sequer já recuar; as pernas e os braços tornavam-se-lhe completamente flácidos. Mas o estertor regularizou-se: o homem não estertorava, ressonava. Tornou-se vivo, vulnerável; e, ao mesmo tempo, Tchen sentiu-se ridicularizado. O corpo deslizou, com um leve movimento, para a direita. Iria agora acordar! Com uma pancada capaz de atravessar uma tábua, Tchen deteve-o num ruído de musselina rasgada, misturado a um choque surdo. Sensível até à ponta da lâmina, sentiu o corpo saltar de ricochete para ele, devolvido pelo colchão de arame. Retesou raivosamente o braço para o conter: as pernas vieram juntas para o peito, como atadas uma à outra; distenderam-se num repente. Deveria ferir de novo; mas como retirar o punhal? O corpo continuava de lado, instável e, apesar da convulsão que acabara de o sacudir, Tchen tinha a impressão de o manter fixado à cama com a sua curta arma sobre a qual pesava com toda a sua massa. Pelo enorme buraco do mosquitoireo via-o demasiado bem: as pálpebras tinham-se aberto — teria acordado? —, os olhos estavam brancos. Ao longo do punhal o sangue começava a surgir, negro àquela falsa luz. No seu peso, o corpo, prestes a tombar para a direita ou para a esquerda, encontrava ainda vida. Tchen não podia largar o punhal. Através da arma, do seu braço retesado, e a sua espádua dorida, estabelecia-se uma comunicação de angústia entre aquele corpo e ele até ao fundo do seu peito, até ao coração convulso, única coisa que mexia no quarto. Estava absolutamente imóvel; o sangue que continuava a correr-lhe do braço esquerdo parecia-lhe ser do homem deitado; sem que nada de aparente tivesse acontecido, teve a certeza que aquele homem estava morto. Respirando a custo, continuava a mantê-lo de lado, na luz imóvel e turva, na solidão do quarto. Nada ali indicava uma luta, nem sequer o rasgão da musselina que parecia separado em duas partes: havia apenas o silêncio e uma embriaguez esmagadora onde ele se afundava, separado do mundo dos vivos, agarrado à sua arma. Os dedos estavam cada vez mais apertados, mas os músculos do braço relaxavam-se e o braço inteiro começou a tremer como uma corda. Não era o medo, era um pavor ao mesmo tempo atroz e solene, que não conhecia desde a infância: estava

só com a morte, só num lugar sem homens, molemente esmagado ao mesmo tempo pelo horror e pelo gosto do sangue.

Conseguiu abrir a mão. O corpo inclinou-se lentamente sobre o ventre: e, não estando o cabo do punhal já bem a prumo, no lençol uma mancha escura começou a alastrar, a crescer como um ser vivo. E, ao lado dela, crescendo como ela, apareceu a sombra de duas orelhas pontiagudas.

A porta estava longe, a varanda mais próxima; mas era da varanda que vinha a sombra. Se bem que Tchen não acreditasse em espíritos, ficou paralisado, incapaz de se voltar. Estremeceu: um miar. Semialiviado, ousou olhar. Era um gato vadio, que entrara pela janela, de patas silenciosas, olhos fitos nele. Uma raiva cega sacudia Tchen, à medida que a sombra avançava, não contra o próprio animal, mas contra aquela presença; nada vivo deveria imiscuir-se na região bravia em que estava mergulhado: aquele que o vira segurar a faca impedia-o de regressar para entre os homens. Abriu a navalha, deu um passo em frente: o animal fugiu pela varanda. Tchen perseguiu-o; viu-se de repente em frente de Xangai.

Sacudida pela sua angústia, a noite borbulhava como um enorme fumo negro cheio de faúlhas; ao ritmo da sua respiração cada vez menos ofegante, imobilizou-se e, no despedaçar das nuvens, as estrelas restabeleceram-se no movimento eterno que o invadiu com o ar mais fresco de fora. Ouviu-se uma sirene, que se perdeu nesta pungente serenidade. Em baixo, lá no fundo, as luzes da meia-noite, refletidas através de uma bruma amarelada pelo macadame molhado, pelos riscos pálidos dos carris, palpitavam da vida dos homens que não matam. Havia ali milhões de vidas, e todas agora rejeitavam a dele; mas que era essa condenação miserável ao lado da morte que se retirava dele, que parecia correr-lhe fora do corpo, às golfadas, como o sangue do outro? Toda aquela sombra imóvel ou cintilante era a vida, como o rio, como o mar invisível ao longe — o mar... Respirando finalmente até ao mais fundo do peito, parecia-lhe reencontrar essa vida, com um reconhecimento sem limites — prestes a chorar, tão perturbado como havia pouco. «Tenho de me pôr ao fresco...» Continuava contemplando o movimento dos automóveis, dos transeuntes que lhe passavam aos pés na rua iluminada, como

um cego curado olha, como um esfomeado come. Avidamente, insaciável de vida, queria tocar aqueles corpos. Uma sirene encheu o horizonte, do outro lado do rio: a mudança de turno dos operários da noite, no arsenal. Que operários imbecis fabricassem as armas destinadas a matar os que combatiam por eles! ... Aquela cidade iluminada permaneceria possuída como um acampamento pelo seu ditador militar, vendida à morte, como um rebanho, e aos senhores da guerra e ao comércio do Ocidente? O seu gesto assassino equivalia a um prolongado trabalho dos arsenais da China: a revolução iminente que queria entregar Xangai às tropas revolucionárias não possuía duzentas espingardas. Se possuíssem as pistolas (quase trezentas) cuja venda este intermediário, o morto, acabara de negociar com o governador, os insurretos, dos quais o primeiro ato deveria ser desarmar a polícia para armarem as suas próprias tropas, duplicavam as probabilidades. Mas havia dez minutos que a Tchen tal não ocorrera nem uma vez.

E não se apoderara ainda do papel pelo qual matara aquele homem. Meteu-se para dentro, como se entrasse numa prisão. As roupas estavam amontoadas ao lado da cama, debaixo do mosquito. Procurou nos bolsos. Lenço, cigarros... Não tinha sequer carteira. O quarto continuava na mesma: mosquito, paredes brancas, nítido retângulo de luz; portanto, assassinio nada altera... Passou a mão sob o travesseiro, fechando os olhos. Sentia a carteira, pequenina, como um porta-moedas. De vergonha ou angústia, porque o pouco peso da cabeça no travesseiro era mais inquietante ainda, abriu os olhos: não havia sangue no travesseiro, e o homem não tinha nada ar de morto. Deveria então matá-lo outra vez? Mas já o olhar que encontrava os olhos brancos, o sangue nos lençóis, o aliviava. Para rebuscar na carteira, recuou para a luz; era a de um restaurante, cheio de jogadores. Encontrou o documento, guardou a carteira, atravessou o quarto quase correndo, fechou a porta com duas voltas da chave que meteu no bolso. Ao fundo do corredor do hotel — esforçava-se por abrandar o passo — não estava parado o ascensor. Chamaria? Desceu. No andar inferior, o do *dancing*, do bar e dos bilhares, uma dezena de pessoas aguardava o ascensor que chegava. Seguiu-os. «A dançarina

de vermelho é brutalmente espantosa!», disse-lhe em inglês o seu vizinho, um birmanês ou siamês bastante bêbedo. Teve, ao mesmo tempo, vontade de o esbofetear para o calar, e de o abraçar porque era um vivo. Resmungou em vez de responder; o outro bateu-lhe no ombro com ar cúmplice. «Ele pensa que eu estou também bêbedo...» Mas o interlocutor abria novamente a boca. «Não sei línguas estrangeiras», disse Tchen, em pequinês. O outro calou-se, olhou intrigado aquele homem novo sem colarinho, mas com uma camisola de boa lã. Tchen estava na frente do espelho interior do ascensor. O assassínio não lhe deixara qualquer marca no rosto... As suas feições mais mongólicas do que chinesas, as maçãs do rosto salientes, o nariz achatado mas com uma ligeira aresta, como um bico — não tinham mudado, só exprimiam fadiga; mesmo as espáduas sólidas, os grossos lábios de pessoa corajosa, nos quais nada de estranho parecia pesar; só o braço, pegajoso quando o fletia, e quente... O ascensor parou. Saiu no grupo.